

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3.  
Não se recebem assignaturas por menos  
de seis mezes as quaes serão pagas adianta-  
das.

Toda a correspondencia deve ser diri-  
gida franca de porte, á redacção do FUTURO,  
rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou  
não publicados, não serão restituídos; e os  
de responsabilidade devem vir reconhecidos.

# O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Se-  
mestre 600 rs. — Provincias: — Por anno  
1\$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de  
porte.) Anuncios e correspondencias de  
interesse particular 20 rs. por linha repeti-  
ção 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

3.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 141

VIVA A INDEPENDENCIA DE PORTUGAL



PRIMEIRO DE DEZEMRO DE 1640

Hoje mais que nunca se faz preciso vasar em moldes d'acendrado patriotismo os sentimentos de nacionalidade e inde-  
pendencia da nossa patria.

Quando por ahi surgem Migueis de Vasconcellos que não duvidam vender em praça publica por um prato de len-  
tilhas os direitos de nossa primogenitura, é mister que cada individuo seja um soldado, cada peito um baluarte, cada  
intelligencia um tractado completo de patriotismo.

É por isso que a mocidade escholastica, comprehendendo bem a importancia gloriosa de nossos feitos na hitoria  
da humanidade inteira, levanta uma voz, e essa voz é um brado, e esse brado é um grito, é um clamor universal, que  
desde as fronteiras d'Hispanha até ás margens do Tejo não diz, não repete outra palavra senão esta: *Viva a inde-  
pendencia da nossa patria!*

¿E quem mais do que elles tinha razão o direito a julgar dos factos que marcam na historia dos povos a epo-  
cha mais grandiosa nos fastos das nações?

Sentado nos bancos escholares abre, ora a historia do nosso Portugal, ora a resenha succinta da nossa litteratura,  
e aqui e acolá divisa entre as epochas mais notaveis dos nossos acontecimentos, uma que influa por seu turno e  
mais que as outras em todos os ramos da sciencia, das letras e das artes.

Effectivamente, ¿quem ha ahi que não sinta pulsar-lhe o coração, e um coração de joven sómente extenuado nas  
lides da sciencia, no criterio das letras e na apreciação das artes, ao ler, ou ouvir a historia gloriosa de nossos avós  
que n'um só dia libertaram a nossa patria, arrancando-a das garras do leão castelhano?

¿Quem ha ahi que não conheça que a espada de nossos guerreiros que outr'ora marcára nos ultimos confins do  
globo os limites d'este nosso abençoado torrão, não foi a mesma que se embebeu no sangue ingrato d'um povo dege-  
nerado e corrompido?

¿Quem ha ahi cuja vontade seja tão fraca, que não possa fazer erguer o braço amortecido por paixões ignobeis,  
por interesses mesquinhos, por ambições torpes?

Só a mocidade cujo coração ainda não sentiu, nem experimentou essas commoções violentas que fazem decidir mui-  
tas vezes, entre a honra e a ignominia, entre o dever e o egoismo, o character mais austero, a posição mais elevada,  
podia estimular os tibios, encorajar os fracos, chamar os desertores e fazer de todos os portuguezes um só, de to-  
da uma nação uma patria, de toda uma patria uma familia, de toda uma familia um individuo sómente.

Em toda a parte, infelizmente, trabalha o egoismo, esse demonio infernal, que faz muitas vezes preferir as honras  
e ambições ao character e dignidade; em toda a parte se adora o idolo seductor do ouro, roubando das mãos dos cren-  
tes o thuribulo onde só devia fumar o incenso da verdade; em toda a parte vemos ajoelhar, vergando a cabeça  
até á abjecção e miseria a fronte que devia sómente engrinaldar-se com os louros immarcessiveis das victorias da nossa  
patria.

Repugnava á razão, era contraria ao sentimento que o mancebo na flor dos annos, no abrir da vida, não manifestas-  
se em testemunhos de preito e homenagem os sentimentos de seu coração, as ideias de sua intelligencia em pro  
d'um acontecimento tão glorioso como nacional.

¿E porque não devia ser assim, se elle sabe muito bem que a natureza, a historia, cavou um abysmo immenso  
entre dous povos, já pela differença da lingua, já pela separação das distancias, já pela diversidade do clima e posição  
geographica?

¿Honra e gloria á briosa mocidade que soube comprehender essa ideia que é a elevação da sua intelligencia, esse  
affecto que é a synthese de todos os seus sentimentos!

Eis aqui os sentimentos que levaram a briosa mocidade escholastica a emprehender os festejos commemorativos do  
dia 1.º de Dezembro de 1640.

Reunida duas vezes em solemne meeting, encarregou uma commissão de ser interprete de sua expansão e entusi-  
asmo, já no templo rendendo graças ao Eterno, já fóra do templo, testemunhando perante todos a sua eterna dedica-  
ção aos sentimentos de nacionalidade e independencia da Patria.

Esta resolveu como a maior de todas as demonstrações, celebrar á custa do corpo escholastico, um solemne Te-  
Deum na Sé Primacial.

Convida para isso todos os Bracarenses, sem distincção de côr politica, porque todos são portuguezes, a assistirem  
a esta festa meramente nacional, dando assim incontestaveis demonstrações de regosijo verdadeiramente religioso e  
patriotico.

**Restauração de Portugal em 1640**

Depois de 60 annos do mais atroz captivo surgia para Portugal o dia de sábado, 1.º de Dezembro de 1640.

Havia sido este o dia marcado pelos heróicos conjurados, que se haviam dedicado a salvar a Patria das garras de Castella, e cortarem as prisões infames da união ibérica, que então como agora só encontrara entrada nos corações de portuguezes vendidos ao ouro estrangeiro, corações corruptos, aos quaes a infamia serve de elemento de vida por serem incapazes de uma aspiração generosa.

Quarenta, não mais eram os sabedores do grande feito: quarenta homens de animo portuguez bastaram para salvar Portugal, e destruir o imperio castelhano, mas eram quarenta heróicos, e tinham por socios todos os portuguezes, porque com estes se pôde sempre contar para tudo quanto for grande e heroico.

Escolhido e aprazado o dia, hora, e lugar, preparavam-se os conjurados com os sacramentos da Igreja, avisaram todos os seus dependentes e amigos, e conhecidos, mas que não eram da conspiração senão como portuguezes. Armaram-se todos, e não podendo dois dos conjurados, pelo seu sexo tomar pessoalmente parte na luta, armaram cada uma d'ellas dois de seus filhos: os nomes d'estas duas heroínas são D. Filipa de Vilhena, condeça de Athouguia, e D. Mariana de Lencastre.

Mettidos em carroças aguardavam no Terreiro do Paço que soasse a hora marcada, que era a das nove da manhã.

Apenas souo a primeira sahiram todos das carroças e entraram o Paço, que occupava o lado occidental da praça, no lugar onde hoje estão a secretaria dos estrangeiros, e obras publicas. Jorge de Mello, Antonio de Mello e Castro, Estevão da Cunha com os seus apuniguados atacaram a guarda castelhana. D. Miguel d'Almeida subiu á salla dos allabardeiros, e de uma janella dispararam um tiro de pistola que era o signal ajustado para se dar começo á funcção.

Luiz de Mello, João Saldanha de Souza, D. Alfonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo desarmaram a guarda allemã, e Pedro de Mendonça e Thomé de Souza tomaram o corredor que do paço ia para o forte, onde estava o gabinete do infante Miguel de Vasconcellos. Luiz Godinho Benavente tomou o quarto da duqueza de Mantua.

Feito isto em menos tempo do que é necessário para se conter, chegou ás varandas do paço, o generoso ancão D. Miguel d'Almeida, e começou a bradar: *Miguel de Portugal!*

Logo este que immediatamente foi repetido pelo povo que estava nas praças, foi com a rapidez do raio propagado por toda a cidade.

Os conjurados formaram dois grupos, um dirigiu-se ao quarto de Miguel de Vasconcellos, e outro buscou apoderar-se da duqueza de Mantua.

Os primeiros, depois de matarem Francisco Soares de Albergaria, corregedor do civil, que se quiz oppor, entraram no gabinete do despacho, e não encontrando o iberico ministro, souberam de um escravo que se havia escondido em um armario de papéis, d'onde o tiraram, ferindo-o D. Antonio Tello com um tiro, os outros com as espadas, e semi-vivo o lançaram pelas janellas ao Terreiro do Paço, onde o povo o acabou, cevando com bastante deshumanidade, nos seus restos inanimados a raiva que professava contra os portuguezes vendidos a Castella.

O outro grupo dirigiu-se ao quarto da duqueza de Mantua, e resistindo esta senhora a abandonar o paço, disse D. Carlos de Noronha que se ella não quizesse sair por aquella porta (indicando-lh'a) sairia por aquella janella — ordem terminante a que ella obedeceu retirando-se ao seu oratorio, onde assignou a ordem para se render o castello de S. Jorge.

Guardado o paço por D. Antão d'Almada, espalharam-se os conjurados pelas ruas da cidade a proclamar a grande nova, ainda não eram onze horas da manhã.

Desde as nove que na Sé estava o arcebispo fazendo preces, e apenas lhe constou que no Terreiro do Paço se fizera a restauração, saiu da igreja em solemne procissão, e reunindo-se ao senado da camara sob a presidencia do conde de Castanheda, e desenhado o estandarte da cidade veio até ao paço.

Fôo durante esta procissão, que o povo gritou haver visto o crucifixo que ia na frente na procissão, abençoar a multidão, despregando da Cruz o braço direito a imagem de Jesus Christo.

Ainda não era meio dia, já Lisboa era portugueza, e o reino só tardou em o ser o tempo necessario para se saber a noticia.

Feito similhante povo nenhum pôde apresentar, nem ha cousa que com elle se pareça em nenhuma historia.

Era comemorado todos os annos este grande dia: desde 1834 que não se celebra esta festa nacional!

**A interinidade em França.**

Poucos comprehendem e muitos ignoram a sabia medida do partido legitimista francez, prorrogando os poderes ao marechal Mac-Mahon.

Thiers contava, já, em entregar de novo a França nas mãos de Gambetta; e por isso empregava tudo para que os poderes não fossem prorrogados. O partido conservador vota a proposta para que se conservasse o *statu quo*, isto é, para que a monarchia ganhasse tempo. Fugiu o primeiro sonho dourado de Thiers; Mac-Mahon é o presidente da republica em França enquanto elle e o partido conservador quizerem. Ganham terreno as negociações da monarchia hereditaria; as petições do commercio, das artes etc., crescem espantosamente, pedindo ao governo francez a proclamação de Henrique V. Já não são mil os peticionarios, são milhares e milhares, e, o que mais é, da propria capital que ha pouco se ostentava de socialista e se ufanava de impiedade. O commercio receia que a prolongação do estado provisório lhe prejudique os seus interesses, já porque no exterior não encontra acolhimento, já porque no interior não depara confiança.

Sujeito aos vaivens da sorte não ha classe da sociedade que mais soffra com alternativas e incertezas que a classe commercial. Sabe, já, por experiencia que só um governo definitivo pôde não só manter mas até garantir a ordem, condição essencial para o progresso da industria e exportação de generos.

O partido republicano ficou desalentado ao ver cair as suas pretensões.

Os jornaes italianissimos de ha muito que cantavam victorias pelo maior numero em seu favor dos membros da commissão. Tanto elles sabiam que da prolongação ou não prolongação dos poderes ao marechal, dependia a proclamação ou não proclamação da republica. Unidos os principes de Orleães, compacto o partido monarchico restava sómente ganhar tempo, esperar por occasião opportuna, para se tractar em occasião favoravel a proposta d'um governo definitivo. Não se diga, pois, que a prorrogação dos poderes foi um golpe na restauração; ao contrario, foi um signal de vida, uma manifestação não pequena da força do partido monarchico. Os jornaes italianos perguntam agora aos republicanos: para que deixaram que se votasse a prorrogação dos poderes?!

Tem graça. O tempo lhes responderá por elles e por nós.

Es o titulo do seguinte artigo que publicamos com muito gosto, que é devido á pena d'um joven macaista, ao qual eviamos nossos sinceros parabens, pedindo-lhe que continue na encetada carreira.

*Batem as palmas os inimigos da Igreja, e se ufanam em seus conventiculos, secreto baratro dos impios, por verem o chefe da religião catholica encerrado entre as quatro paredes do palacio do Vaticano, que em breve esperam ver tambem evacuado. A' Igreja, dizem elles, tocou a hora da sua dissolução, Christo, que ella toma por seu fundador outra cousa não é senão o Christo de Renan, Pio IX será o ultimo Papa, e com elle acabarão todas as imposturas!...*

Tal é hoje o credo dos homens das novas ideias, credo formulado nas lojas secretas pelos homens que manejam o malheite, a cujas ordens cegamente obedece uma grande manada de vis e abjectos escravos; ideias estas que outro fundamento não tem senão seus depravados desejos, de que Deus se ri, e aos quaes resiste por serem diametralmente oppostos ás suas promessas e seus infalliveis decretos: *et Dominus irridebit eos*.

A Igreja porém existirá até o fim dos seculos, e como tal, até ao fim dos seculos terá um Papa que a governe e condeme as más doutrinas dos impios, um Papa que seja o Mestre da verdade, a luz do mundo e o Doutor de todas as gentes.

Que na morte de Pio IX a impiedade fará todos os esforços para levar a effeito seus perversos pensamentos e desejos, não o duvidamos; que talvez se apoderarão do Vaticano, e dividirão entre si tudo quanto de bom lá encontrarem; que rasgarão até a batina do Summo Pontífice ou que sobre ella deitarão sortes, como fizeram os Calvario os que crucificaram a Christo; tudo isto poderá vir a realizar-se pois a impiedade é capaz de tudo isto e ainda de muito mais.

Mas que possam elles com todas as suas maldades, impedir que resuscite no novo Papa o Christo, que elles, almejam por ver morto em Pio IX; que possa a Igreja deixar de existir no mesmo pé em que foi instituída, com o seu chefe, suas leis e regim independente, isso não. Não pensem os inimigos da religião que a força e o poder da Igreja de Deus tem a sua base nas riquezas e o poder do mundo, de que já a despojaram; não é mil vezes não. Toda a sua força se bazia na assistencia

e socorro do poder divino; socorro que está sempre para com ella na razão directa da falta do auxilio que lhe negam as forças e poderes humanos, como dizia o Apostolo S. Paulo de si mesmo: quanto mais fraco me deixam, mais poderoso me encontro. *Cum infirmior, tunc potens sum*. Perseguir a Igreja é robustecel-a, é pô-la em contacto com o verdadeiro principio da sua existencia, como perseguição encarnada por mais de trezentos annos no coração dos imperadores romanos e seus ministros, a quem sempre confundiu, e de quem ficou tão vencedora que veio a has-tear o seu *estandarte* glorioso, no mesmo lugar em que seus inimigos lhe tinham collocado o cadafalso!

A Igreja está hoje passando pelas provas mais cruciantes de que não ha memoria desde a conversão de Constantino Magno. Os poderes da terra nunca deixaram de ser mais ou menos seus inimigos; e a unica razão é, porque o poder da força intrinseca que animam e vivificam a Santa Igreja enche-os sempre de zelo e assombro. O mesmo Constantino, collocado na sede do imperio, que subjugou o mundo, e cujos destinos d'elle dependiam, julgou que o seu colossal poder se apoucava, que o seu glorioso sceptro já não refulgia, por ter junto de si um homem revestido do poder divino; e por isso abandonou a Roma dos Cesares para tomar por capital do imperio, a cidade imperial do Oriente, a antiga e Historica Bisaccio.

Um unico soberano não houve, desde que a Igreja sahio do labyrintho subterraneo das Catacumbas, que quizesse o Soberano Pontífice em terra europeia dos seus dominios; a não estar maniatado, como na França esteve Pio VI, e como hoje está Pio IX no Vaticano. Este facto tão visivel e constante devia fazer conhecer aos nossos homens da época e aspirantes ao impossível, quanto vale sobre a terra o representante de Deus, abrazado no fogo do Céu, a cuja aproximação e contacto se tismam todos os poderes do mundo, a não se collocarem d'elle n'uma certa raia de distancia e respeito.

Os poderes da terra foram sempre mais ou menos zelosos do poder do céo; porém hoje o principe do inferno, que nunca deixou de reagir e fazer estrondo contra a Esposa do Cordeiro Immaculado, tem-lhes sugerido um novo e infame systema de perseguição, é este o abandono e o desprezo: *« Segui o meu conselho, lhes diz elle, voltae as costas a esse homem que vos affronta, e que com a sua intrepidez e coragem condemna a vossa fraqueza; fecha os olhos diante d'essa luz reluzente, e dizei depois que o não vedes »*.

Este facto da nossa época nunca visto em tempo algum entre principes que se dizem christãos, e o chefe do Christianismo será uma das mais severas lições para os governos dos tempos vindouros. O Pontificado ao passo que por todos os poderes da terra é abandonado, cresce e se reforça no seu legitimo poder, que nunca lhe foi dado mendigar na fraqueza dos homens. Pelo contrario os poderes da terra é que caminham sempre na vereda da sua propria fraqueza, quando se separam da força do Pontificado.

Este facto está-se hoje realisando na Europa christianisada, onde não ha um governo que não esteja minado pelo cancro do socialismo e communismo, que a todos vaecobrinde de ulceras asquerosas até os fazer cair no tumulto pela inanición. Consequencias são estas do abraço que todos teem dado a essas ideias de diferentes modos, os mesmos governos teem sido os apostolos.

A circumstancia de estarem hoje os governos, sem excepção, capitaniando a missão das más ideias, as quaes são combatidas e repellidos só pela Santa Igreja, não só faz ver que as promessas de Deus permanecem sempre n'ella, de ser a mestra da verdade contra a mentira, mas tambem que até ao fim dos seculos triunfará de todos os ataques pela força e poder da verdade, e que todas as outras instituições, por mais bem firmadas que pareçam, são fracas por estarem sujeitas á anarchia das ideias, que é o mais poderoso germen da sua incontrastavel dissolução.

No principio do seculo quarto, quem o diria, viu o mundo admirado cair aos pés da Igreja os seus mais potentes inimigos; antes do fim do seculo dezoenove o mundo estupefacto terá tambem de presenciar a mesma scena. Foi a cruz de pau que então venceu o antigo mundo; e está a unica que a Igreja hoje possui, porque as de ouro já lhas roubaram os seus inimigos; pois saibam que é esta cruz de pau que hoje hade vencer os inimigos do mundo moderno, porque é pelos instrumentos fracos que Deus quer ostentar o seu braço forte e o seu poder.

Brame quanto quizer o leão do norte, o principe improvisado que hoje impõe as leis á Europa; empregue todos os meios ao seu alcance para dissolver o Papado, ou ao menos para que Pio IX tenha um successor conforme as ideias dominantes do seculo, e conhecerá n'isto a sua impotencia. (Não ha muito tempo que Bismarek expunha estas suas ideias n'uma nota diplomatica).

Se Pio IX tem sido um Papa segundo o coração de Deus para ser o terror dos seus inimigos, saibam que segundo o coração de Deus e terror dos seus inimigos, virá a ser o Papa que na cadeira Pontifical lhe succeder. O papado não attrahe hoje pela gloria e grandezas humanas; não offerece senão a cruz e o martyrio, e teem sido os martyres que assombraram sempre os maiores poderes pela sua firmeza e constancia.

**Questão maçônica do Brazil**

Discurso do sr. Dr. Candido Mendes nas cortes do Rio de Janeiro.

(Continuação)

O sr. Mendes d'Almeida: — Não direi que n'esta pretensão não haja respeitabilidade, mas ha um pequeno embaraço, offende direito de terceiro, de que resulta conflicto, quando se quer exercel-a nos estabelecimentos onde os catholicos não supportam concurrencia de quem não mantem a pureza da fé e obediencia da Igreja. Assim elles não supportam o dizer-se: *« Sou maçon e ao mesmo tempo quero ser catholico, não me importo com as bullas do Papa, desprezo-as, e por conseguinte hei-de fazer parte d'esta ou d'aquella irmandade, quer o Bispo queira, quer não »*. Isto é uma verdadeira oppressão que só é concebivel n'esta época.

O sr. Vieira da Silva: — Contra quem? O sr. Mendes d'Almeida: — Contra os Bispos e contra os catholicos.

O sr. Zacarias: — Apoiado. O sr. Mendes d'Almeida: — Aquellas irmandades foram creadas por catholicos, foram elles que deram ou legaram os fundos com que ellas se mantêm e para as devoções a que são destinadas; outro qualquer individuo que não pertença á mesma communhão não tem o direito de figurar alli. Se a este respeito se levanta a questão, sendo a corporação pia quem é o competente para solvel-a? A recta razão e o direito canonico indicam sómente o Bispo pela sua competencia toda espirital e elle o juiz que pôde decidir se tal ou tal irmão é ou não catholico: e assim o dizem todos os canonistas ainda os da época em que a metropole dominava, com especialidade Agostinho Barbosa, o primeiro entre todos, na sua obra monumental *De Officio Episcopi*. Demais, n'essa questão não se tracta de destruir taes corporações nem tão pouco de alterar ou modificar-lhes os compromissos, mas é tão sómente de purificar-as de membros que se tem afastado das doutrinas sustentadas nos compromissos, as da Igreja.

Eu quero ver o governo do meu paiz desauthorizar o Bispo de Pernambuco a pretexto de que as irmandades são personalidades civis ou corporações mixtas. Já vi cousa quasi similhante na questão do cemiterio da Sapucaia; o vigario d'essa freguezia e o vigario geral foram expostos ao odio e ludibrio publico porque quizeram cumprir as leis da Igreja.

Logo, o governo que devia Jar cemiterios aos individuos que não pertencem á religião catholica, em lugar de bater no peito pela sua incuria e imprevidencia, *mea culpa, mea maxima culpa*, não duvidou expor, approvando um parecer do conselho de estado, ao odio e ludibrio publico, o vigario da Sapucaia, por ter negado sepultura ao corpo de um individuo que não era catholico.

O que podia elle fazer tendo de cumprir, tendo de executar as leis da Igreja? Devia consentir em sua violação? E que culpa tinha o vigario de que esse individuo, cujo cadaver lhe apresentavam, fosse d'outra religião? não é o governo civil encarregado de dar cemiterio e decente sepultura aos cadaveres dos homens que não pertencem á religião catholica? Entretanto, snr. presidente, por parecer do conselho de estado, e violando-se o direito canonico, mandou-se profanar nos cemiterios catholicos uma area para sepultar os cadaveres d'aquelles que não commungam em nossa Igreja. Isto dá ideia do estado em que se acha o catholicismo no Brazil, dá ideia das doutrinas que lavram na sociedade brasileira e ainda nas altas regiões; os homens que deviam dar exemplo de respeito ás leis esnonicas foram os que desmoralisaram a quem tinha perfeitamente cumprido seu dever.

O procedimento havido com o pobre vigario da Sapucaia era o mesmo que o que se praticasse com uma sentinella encarregada de guardar um deposito, a quem se punisse por não haver consentido na violação. No caso sujeito o vigario era a sentinella fiel, e as leis da Igreja o deposito sagrado. O conselho de Estado aconselhou ou a edificação de novos cemiterios ou a profanação dos existentes, o governo preferiu o ultimo alvitre! Isto em verdade já se viu no Brazil, e somos catholicos; mas quanto á questão do Bispo de Pernambuco, que se figura um homem intolerantissimo, um fanatico em summa, quero ver para crer.

Apresiasiamos por outra parte, snr. presidente, o procedimento do Bispo de Pernambuco, que algumas pessoas consideram tão pouco regular e imprudente. Parece-

me, snr. presidente, que no terreno do direito, aquelle prelado não pôde ser censurado, obrou como devia obrar. O Bispo é executor das decisões do Santo Padre, não só por ser Bispo, como por ser delegado da Santa Sé. Desde que um catholico se inicia na maçonaria e não quer voltar ao gremio da Igreja, abjurando o maçonismo, o Bispo procede bem impondo as penas espirituaes.

Mas, snr. presidente, ha ainda no acto praticado pelo Bispo uma questão a ventilar, e vem a ser, se o Bispo no desempenho de tão arduo dever, procedeu com o preciso criterio, com toda a prudencia. Ainda por este lado, o acto do prelado pernambucano não me parece digno de censura, maxime em vista dos documentos publicados nos jornaes. E se não vejamos.

Senhores, o que significa a prudencia? A prudencia é sem duvida uma das virtudes cardeaes, e por certo a primeira; ella ensina a prever os males, e a prevenir os seus effeitos, e assim os antigos a definiam a habilidade do homem em conhecer os seus verdadeiros interesses do mundo, a prever os perigos no futuro, evitando tudo o que possa causar-lhe damno. Sob este ponto de vista o Bispo fez o possível admoestando os maçons membros de irmandades catholicas a abjurar o erro do maçonismo; e creio que antes de fazel-o publicamente, em particular se esforçou por conseguir tão benefico resultado: tudo foi baldado!

Quanto mais o prelado se empenhava, menos obtinha, e os acontecimentos do Rio de Janeiro, que enchiam de orgulho os sectarios, não lhe deixavam esperança alguma. Os maçons mais se aferravam ás doutrinas da Ordem, maltratando não pouco o Bispo nos seus jornaes. O que fazer esgotada toda a paciencia e toda a esperança? O Bispo entendeu que em tal situação devia lançar mão dos rigores espirituaes. De quem a culpa?

Esses maçons que tanto se presam de catholicos não querem cumprir o primeiro dever do christão, a obediencia á Igreja; e queixam-se da intolerancia do Bispo, elles querem ser fiéis ao juramento das lojas e desconhecem que o Bispo cumpra o seu!

Mas, snr. presidente, o Bispo não deve ter sómente em consideração a prudencia humana, porque elles não foram mandados para reger a Igreja de Deus, com o proposito de acatellarem sómente o seu corpo; elles tem a obrigação de attender á outra especie de prudencia, a do Evangelho, de que deve revestir-se todo o christão que consiste na attenção de prever e prevenir tudo quanto poderia prejudicar a nossa salvação ou a dos outros. Este dever é ainda mais figuroso quanto aos Bispos que tem cura d'almas, e é por isso que S. Paulo diz em uma das suas cartas: *« A prudencia da carne é morte: a do espirito é a vida e a paz »*.

Quizera snr. presidente, que esses que accusam o Bispo de Pernambuco de indiscricção e de imprudencia, em presenca d'esta obrigação, e do procedimento de catholicos, tão ciosos de sua confissão, e baldos do espirito de Christo, me respondessem. Deveria o Bispo vendo tanto joio na sua seára crusar os braços e manter o *statu quo*? E qual seria a época propria para um Bispo, digno d'este nome e de sua alta missão, usar d'este recurso ou reitral-o?

(Ha um aparte).

Quando, snr. presidente, começa a introduzir-se na sociedade uma má doutrina, dizem os prudentes: *« E' melhor não fallar n'isto, visto que o mal agora começa e pôde desapparecer; sejamos discretos, não toquemos n'isto, não lhe vámos dar corpo reprimindo-o já, poderia crescer extraordinariamente, porquanto, sabe-se que o mal é como o pingo de azeite, que caindo no papel alastra-se, estende-se cada vez mais »*. Sim, o mal já vai em meio; elle tambem apresenta sua resposta: *« Não, dizem ainda, agora affrontar o mal é mui perigo, muita gente está comprometida e de boa fé, é prudente fechar os olhos »*. Bem fallamos do fim, quando a causa do bem está de todo perdida, e então dizem depois do triumpho: *« Sois uns necios »*. E com razão de modo que o pastor encarregado de vigiar o lobo para não devorar o rebanho, deve ao contrario evitar a luta por prudencia, sacrificando as ovelhas, ou tomar o partido mais logico do Bispo portuguez de Faro!

Mas não fallará quem diga: não procederia o Bispo com mais acerto deixando as cousas no estado em que achou, vivendo em boa paz maçons e profanos? Muitos d'esses maçons não zelavam o culto, funcionando nas irmandades e prestando outros serviços á religião do paiz? A isto pôde-se responder: a situação tal qual hoje se apresenta, quem creou foi o grão-mestre do Lavradoo com a festa de 3 de Março. O enthusiasmo ganhou os maçons por todo o imperio, os Bispos e clero foram as victimas, e sem reboço ostentava-se a pratica de uma doutrina reprovada pela Igreja. Os Bispos não podiam sempre, por amor

da paz, cruzar os braços e fazer vista grossa; seria rebaixar sua posição. O de Pernambuco aceitou a situação que lhe fizeram.

Por outro lado, sr. presidente, o que se ganhava com a conservação do statu quo? cousa nenhuma, porquanto os maçons continuavam como d'antes e o mal ia lavrando, vivendo d'essa indefinida tolerancia com perigo dos que ainda não estavam infectados e que pela indiferença ou tibieza do Pastor podiam ser sacrificados.

Que importa que entre esses maçons, que entraram para as lojas de boa fé, muitos existam que sirvam tão bem a Hiram como a Jesus, ao menos a seu modo, já prestando serviços nas irmandades, já ouvindo ou mandando celebrar muitas missas, e concorrendo para esplendidas festas religiosas? Em que aproveita a religião e a sociedade com taes serviços e estolidas devoções, que sómente prestam para exaltar a vaidade do mesmo individuo, que com identicos sentimentos vae ás lojas receber ovações debaixo das abobadas de aço, com estrellas e triplices baterias e outras frioleiras da ordem! «Um homem d'estes, dizem alguns, influido na sociedade, não se deve desmoralisar, porque pôde arrastar consigo outros com visível damno da Igreja».

Estas razões, sr. presidente, não convencem e nem justificam os censores do Bispo de Pernambuco, por quanto tudo cessaria voltando esses catholicos desviados, que se dizem de boa fé, ao gremio da Igreja, e nem esta tem necessidade de abrir negociações para attrahir proselytos ou deter fieis que preferem a apostasia a voltar á sua fé.

O Bispo tem stricta obrigação de resguardar o rebanho que lhe foi confiado das doutrinas pestilentas, maxime vindo com agradaveis apparencias, hoje principalmente que a Igreja tanto sofre, e que os fieis têm necessidade de uma luz que os guie e de um Pastor corajoso. A propaganda é mui poderosa e recruta por toda a parte para as lojas.

Chamo a attenção do senado para estes factos, em que está envolvida a questão de liberdade religiosa, questão complexa, mas mui grave e importante; porquanto, conforme intendem os sectarios da ordem, sómente beneficiaria os propagandistas em prejuizo da população mais numerosa, mas pouco illustrada da sociedade, que em seu favor deve ter e contar com o amparo do governo. Os maçons de Pernambuco, com o de outras partes do Brazil, querem não só ampla liberdade para propagar suas doutrinas e augmentar suas lojas, como interferir nos estabelecimentos catholicos! E' uma pretensão desarrazoada que nem o direito, nem a razão justificam.

O sr. Fernandes da Cunha dá um aparte.

O sr. Mendes d'Almeida: — Não desloco a questão. O Bispo de Pernambuco, a meu ver, não sahio fóra da linha do dever; é um prelado intelligente e discreto, zeloso de sua reputação e da fé do seu rebanho. Não é um pastor talhado no Bem-vindo de Victor Hugo, cuja occupação limitava-se a uma banal benevolencia, e a distribuir bençãos indistinctamente, mas que toma corajosamente a responsabilidade de seus actos expondo-se a ser victimado com atrozes injurias, calumnias e o ridiculo pela imprensa, bem como ao martyrio.

O sr. Vieira da Silva: — V. Ex.<sup>a</sup> procreve a benção?

O sr. Mendes d'Almeida: — Não, mas é uma banalidade quando o que a distribue não se faz respeitar pela solidez da doutrina e do decoro; assim de nada valem, como as que podia dar o bispo Bem-vindo, e o seu collega de Portugal, o de Faro ou Algarve, a que já me referi.

A questão de liberdade de cultos com a facilidade de propaganda é gravissima, não se pôde abandonar-a prejudicando-se a grande massa de população que, por deficiência de instrução, não pôde lutar. A resistencia do Bispo de Pernambuco aos propagandistas das lojas é benefica, é um auxilio efficaz áquella massa de desamparados, a que o governo não tem prestado séria attenção.

Eu louvo a Deus sr. presidente, por nos haver dado um tal Bispo, que ás qualidades que o distinguem reúne uma que faz realçar mais as outras, é a virtude da fortaleza, que fórma o esplendor do caracter. Um Prelado, que em uma época como a que atravessamos tão difficil para a causa da religião, ouza confiando na sua fé e no auxilio de Deus, arrostar a apostasia porfronte e protegida, a imprensa que abusa de sua missão para menoscabar com a injuria e com o ridiculo de toda a sorte os que se dedicam ao serviço do culto, sem o amparo da auctoridade civil, balda de e hesitante no cumprimento de seus deveres, é um nobre e elevado caracter.

O sr. barão de Pirapama: — E o bispo do Pará?

O sr. Mendes d'Almeida: — Também não me merece pelos serviços que tem prestado em sua diocese, e ainda por seus luminosos escriptos, mas a prezente questão, directamente, não lhe interessa.

Portanto sr. presidente, o Bispo de Pernambuco com o seu firme e energico procedimento tornou-se para os seus diocesanos um espelho vivo, um pharol seguro, um guia sem pavor nos certemens da fé, aliás tão abalada pelas doutrinas deleterias que lavram na sociedade brasileira e ainda pela tibieza ou esmorecimento de alguns Pastores que tem regido nossas dioceses, e tacita complicitade dos governos. Essa resistencia, ainda que pequena, á apostasia arrogante, ao descalabro da sociedade, já é um grande serviço que se deve agradecer e commemorar.

E a heroica provincia de Pernambuco, sr. presidente, era digna de possuir um tal Pastor; foi alli que se feriram os grandes combates em que um punhado de fieis e denodados catholicos conseguiu por proprio esforço derrotar a mais poderosa potencia heterodoxa da época sem auxilio da metropole, pôde-se dizer, entregue aos fracos recursos de terra. Foi esse punhado de bravos, sr. presidente, apoiados em sua fé, fervorosos em sua devoção, quem arrancou este paiz á heresia, quem firmou a nossa nacionalidade, por quanto, sr. presidente, sem o merecimento d'esse sangue precioso que alagou os campos da patria, nós não estaríamos hoje reunidos n'este recinto discutindo os negocios do Brazil.

E para mim, sr. presidente, o principal acontecimento que assignala o grande feito de João Fernandes Vieira, precursor da Capitulação do Recife em 1654, o termo final d'essa magnifica epopeia que começou em minha provincia, é a batalha das Tabócas, em que o heroe pernambucano, apoiado tão sómente nos peitos e nos braços de nossos patricios, mas com o poderoso auxilio e protecção divina, rasgou o horizonte da liberdade da patria.

Deu-se n'esse famoso recontro que nossos annaes registram com jubilo, um notavel acontecimento, a prisão do padre Manoel de Moraes, que residia nas circumvisinhanças, o primeiro apostata da ordem ecclesiastica em nossa terra, antes da acção.

Pareceu um facto providencial, porque esse infeliz, que dera exemplo de tão enorme escandalo a seu paiz, manchando-se com a heresia, que felizmente ainda não tomou pé na terra de Santa Cruz, foi um dos melhores e mais efficazes elementos da victoria.

Voltando sinceramente ao gremio de nossa mãe, a Santa Igreja Catholica, bravo eloquente, alçando a imagem do Crucificado, o verdadeiro estandarte da civilização, entre as hostes fieis; acelerou e arrastou a prompta destruição dos esquadões mercenarios da Hollanda, resgatando assim o seu triste passado.

Era portanto, sr. presidente, aquella provincia digna de possuir um Bispo intelligente e discreto, firme e denodado, que soubesse afrontar o erro e encarar-o de viseira erguida.

Alli, infelizmente, sr. presidente, houve bispos Bem-vindos, prelados que por sua frouxa e inintelligente administração, deixaram a diocese em estado bem lamentavel, como a época está demonstrando. Os bispos, sr. presidente, contraem na verdade uma gravissima responsabilidade com o encargo que tomam sobre seus hombros, assim como os governos que os apresentam. Feliz a diocese quando o seu pastor reúne a illustração á prudencia, a solidez da doutrina á firmeza, a severa vigilancia do rebanho á fortaleza de animo para resistir ás tentativas dos lobos devoradores, que para saciarem sua gula empregam ora a astucia, ora a violencia. Os bispos que a tudo se amoldam, no interesse do seu commodo particular e com prejuizo do rebanho, esmolando o silencio ou os louvores da imprensa adversa, ou applacando por outros meios os seus furoros, nunca alcançaram contra a propaganda do mal, nem salvar sua tremenda responsabilidade na terra e no céo.

(Ha um aparte), Fallo em geral, a ninguem faço injuria, pois que mesmo no nosso paiz não tenho actualmente um prelado a quem irrogué censuras, mas digo e sustento que uma das principais causas do estado deploravel em que se acha a religião entre nós, foi o mau clero antepassado que legou tão lastimosos exemplos, foram tambem os bispos.

Quando a Igreja, sr. presidente, soffre tanto na Allemanha, não obstante o elevado numero de seus fieis, e onde se diz tão ousada e iniquamente que a religião catholica é um perigo para o Estado, e que sómente o militarismo prussiano é capaz de abatela e domala; quando na Italia é ella victima ainda de tantas extorsões e affrontas; quando em summa na Suissa os pequenos potentados dos cantões a ultrajam e perseguem de uma fórma descummunal nas pessoas de prelados respeitaveis por suas luzes e comportamento, desenvolvendo com governos tão hostis, tão inveterados inimigos do nome catholico, uma inexcedivel prudencia, e extraordinaria discipção na administração de seus rebanhos; parece sr. presidente, que por nossa parte deveríamos redobrar de esforços para manter e honrar o culto que

nossos paes nos legaram, a fim de não presenciarmos scenas eguaes. Ora, da fórma porque as cousas marcham, não teremos outro paradeiro.

Veja v. ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, que uma simples decisão do Bispo de Pernambuco, depois das admoestações do estylo, não demove os interessados do proposito de continuarem na apostasia, e em vez de attrail-os ao gremio da Igreja provoca-os a completa rebeldia com uma ousadia e tenacidade que assombram. Qual a causa, qual a razão de tão singular phenomeno?

(Continúa)

Carta de Nicolau Simplicio a seu tio.

Caro tio, estou afflicto Por falta de novas suas! Quer em casa, quer nas ruas Ando triste e cabis-baixo, Pois alegria não acho!

Escreva-me por quem é, Pois suspeito está doente. D'esta casa toda a gente, Até o meu Florencio Admira o seu silencio!

A minha Eva, coitada! Pensa no vinte acertou: Diz que o tio se zangou, E ficará quasi irado Por ler na folha curado.

Acredite tio amigo, Que sou homem de juizo, Honrado, probo e lizo; Té na vida d'estudante Nunca foi estravagante.

Se com isso se zangou Não sou culpado, senhor; Foi o tal compositor Que poz — estar já curado Dizendo eu — estar cazado!!

Do que este, o revisor, Ainda assim, é mais culpado: Não havendo reparado, Deixou passar tudo isso, Com a mente no derriro.

Se o fatal trocadilho Da sua zanga é a cauza, Ponha ao silencio uma pausa, Dê á zanga um pontapé, E escreva, por quem é.

Mas, os meninos da imprensa Merecem duro castigo, Ora, se é meu amigo, Corrija os taes maganhões Com boa pinga e bons rujões.

Agora quero me diga O que sabe dos carlistas. Ando cá com minhas vistas De me unir aos hispanhoes — A'quelle bando d'heroes.

Aquillo sim é que é gente Patriota e de coragem! Diga-se de passagem, — O seu valor, sem segundo, Faz pasmar a todo o mundo!

N'esta ultima batalha, Ao avançar para traz, Dizem que o tal Farrabraz, — O valente Moriones Sujára até os calzones.

Não sei se isto é certo; Mas diz o visinho Marcos, Que se fizera em los Arcos, Que fica longe de Estella, Uma mui grande barrella.

E' certo que os liberastas Levaram sóba tremenda! Até se abalou a tenda Do madrilenio Oriente, Que todos julgam demente.

Aos valentes realistas Seja dada honra e gloria, Pois de victoria em victoria Caminham com té tamanha A liberta a Hispanha.

A guerra, louvado Deus, Ganhara ás mil maravilhas; Até meus filhos e filhas Dizem que breve, aonde estou, Cantarão o Rei chego.

A bella carta d'Henrique Fez écco em toda a França. Não parou a contradança, Antes a livre pandilha Prepara nova quadrilha.

Mas na França não morreu A honra, o patriotismo: E d'este cataclismo Ha-de-a Henrique salvar E a Europa libertar.

Não querendo a Assembleia Proclamar a realza, Corre o povo com presteza A pedir a monarchia, Pois só no Franco confia.

Não desanime meu tio! Deixe girar o marfim... Pois verá breve, por fim, Henrique proclamado E no seu throno assentado.

Agora (isto... segredo): Toca em Madrid á agonía!.. Sobe Carlos!... que alegria!... Aqui, vai tudo ao fundo E, entra Miguel segundo.

Ora pois, meu caro tio. Não se faça preguiçoso. Lembre-me mui respeitoso A minhas primas e tia, Pois um abraço lhe envia

seu sobrinho muito amigo

Nicolau Simplicio.

SECCAO NOTICIOSA

O dia 1.º de Dezembro. — A Classe Escholastica d'esta cidade, tomando em consideração o exemplo de seus compañeros, que nunca deixaram de mostrar que a Patria era depois de Deus, a primeira ideia de sua intelligencia, a primeira palavra de seus labios, o primeiro affecto de seu coração e havia de ser o ultimo suspiro de sua vida, reuniu-se por duas vezes, em solemne meeting, no theatro Almeida Garret, para festejar o dia commemorativo da nossa independencia e nacionalidade.

Nomeada a commissão que segue, esta, por estar legalmente constituida, determinou que esse dia, em que um povo readquirira seus direitos e sacudira o jugo da tyrannia e escravidão, fosse solemnisado com um brilhante Te-Deum na Sé Cathedral, em acção de graças, e sermão.

Assistirão a este edificante e patriótico acto todas as auctoridades ecclesiasticas, civis, judiciais e militares. A solemnidade começará ás 3 horas da tarde.

A Classe Escholastica, que tomou a iniciativa d'estes festejos e a expensas da qual são elles feitos, convida a todos os bracarenses que illuminem suas casas, como testemunho de seus sentimentos patrioticos e solemne protestação a esses trabalhos occultos do iberismo.

Eis o programma da festa: No domingo á noite, pelas 7 horas, sahira uma bem organizada tocata do corpo escolastico para annunciar os festejos, percorrerá as ruas mais principaes e tocará á porta de todas as auctoridades e personagens que a pedido e algumas espontaneamente prestaram a sua valiosa cooperação para os nossos trabalhos.

Ao romper d'alva do dia 1.º de Dezembro subirão girandolas de foguetes, cujo estrodo, junto ao alegre repicar dos sinos em todas as igrejas da cidade e ao hymno executado por duas bandas marciaes, annunciarão aos bracarenses, que aquelle dia não deve passar desapercibido quer no seio das familias, quer no meio da sociedade, quer no templo do Senhor. Ao meio dia haverá iguaes demonstrações de regosio e será entregue a todos os bracarenses uma patriótica proclamação onde se dirá a razão de tanto enthusiasmo, o motivo de tanta alegria, e a utilidade, e necessidade até, de que todos nos achemos n'esta santa cruzada de leaes e inoffensivas manifestações. Ás 3 horas se dará principio á grande solemnidade religiosa, na Sé Cathedral. Depois de cantado o Tantum-ergo pela excellente orchestra dos snrs. Paiva e Luiz Baptista, haverá o sermão e em seguida entoará S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Te-Deum em acção de graças. Á porta do templo estará postada uma guarda de honra que o exc.<sup>mo</sup> coronel teve a bondade de conceder á Mocidade para realçar mais o acto religioso e patriótico.

Á noite haverá no theatro de S. Geraldo o excellentes drama os Dous Proscriptos, onde tem parte o corpo escolastico representado dignamente no 1.º secretario da commissão o sr. Vianna. Ha-de ser um dia de verdadeiro enthusiasmo. Parabens á briosa Mocidade Escholastica. No dia 4 do mesmo mez haverá n'uma igreja, cujo local e hora previamente se indicará, uma Missa de Requiem pelo descanso eterno dos que n'esse dia libertaram a nossa Patria do jugo castelhano.

Convida-se, pois, todos os estudantes a assistirem a este acto religioso.

Commissão.

Presidente — Manoel Ferreira Marnoco e Sousa. 1.º Secretario — Antonio José da Cunha Vianna. 2.º Secretario — João Gomes d'Oliveira Guimarães.

Thesoureiro — Alberto Carlos Leite Pereira.

Antonio Joaquim Gonçalves Sanches. Antonio José Perre. Antonio Augusto Pereira. Antonio Manoel dos Ramos. Antonio Augusto Gomes Ramos. Antonio Bernardo Moniz Arriscado. Agostinho Percira da Silva Guimarães. Albano Augusto de Sá Lima. Francisco da Costa Calheiros. Francisco Maria Pereira d'Araujo. João da Costa Pereira da Motta.

José Luiz da Motta Abreu. José d'Azevedo Vasquinho. José d'Annunciação Pinto. Luiz Antonio Pereira Loureiro. Luiz Martins da Costa. Manoel José da Silva Bacellar. Manoel Correia de Castro Feijó. Manoel Vieira da Cunha. Manoel Maria de Sousa Cruz Vieira.

Exequias. — Celebraram-se no dia 14 de Novembro, como fóra annunciado, as solemnes exequias feitas pela redacção d'este jornal em honra funebre pelo Senhor Dom Miguel I.

Dobram a finados os sinos das egrejas, e os crentes accordavam ao som plangente do bronze que em sua rouca, mas eloquente voz, os convidava a correrem ao templo do Senhor para alli orarem pelo Rei que fóra christão e portuguez tanto no esplendor das grandezas, como nas amarguras do exilio. O templo era a igreja de S. João Marcos. Este vestia pesado e rigoroso lucto; no meio erguia-se, singela, porém magestosa eça, porque tinha no centro o retrato velado do chorado Monarcha. Em redor brilhava grande numero de lumes, symbolo da nossa fé, preito da nossa intelligencia; homenagem do nosso coração.

No fim da eça erguia-se um monumento, levantado á memoria do illustre Monarcha — era uma mimosa poesia que o sr. João Luiz Correa Junior fizera favor de offerecer e dedicar a esta redacção e que nós de coração e alma agradeecemos, e onde o distincto cavalheiro fallava a linguagem da dor, como o voto de gratidão e a esperança do porvir.

Aos pés do altar do Deus vivo, ajoelhavam-se centenaes de fieis, no meio dos quaes avultavam as pessoas de maior distincção do nosso partido, e tambem bastantes do partido contrario; e alli, todos, mãos erguidas supplicavam o descanso eterno para aquelle que vivera e morrerá como verdadeiro christão e verdadeiro portuguez. Se era magestoso em sua simplicidade de tristeza o apparato funebre que envolvia o interior do templo, não menos era, em seus maviosos sons, a musica que vinha ferir a concepção mais elevada do nosso pensamento, o sentimento mais sublime do nosso coração.

A salva, composição do sr. Manoel João e imitação original do inimitavel Miserere do Travador, produziu no animo dos que a ouviram sensações tão profundas e extraordinarias que não é possível descrevel-as.

Foi brillantemente, executada grande orchestra, não só a salva como a Missa e Responsorio.

Desde a elevação na Missa até o fim de toda a solemnidade religiosa, os assistentes estiveram em duas grandes alas, desde o altar mór até o guarda-vento, com tochas de cera na mão, tornando assim este acto, duas vezes respeitavel já pelas crenças que symbolisava, já pela magestade do apparato que incutia.

Para que os suffragios fossem completos houve na mesma igreja Missas geraes pela alma do Senhor Dom Miguel I. Se a armação estava elegante e com especialidade o arco-cruiseiro, devemol-o á pericia e generosidade do distincto artista o sr. João Baptista Braga Junior.

Se a musica estava surprehendente, devemol-o á excellentes orchestra de que já fallamos e ao favor de muitos musicos que tocaram de graça e aos quaes agradecemos do coração e alma.

Se o culto estava com pompa e solemnidade, devemol-o a todos os ecclesiasticos, e tantos, que se dignaram gratuitamente assistir a tão piedosa cerimonia, deixando gravado aqui um testemunho de eterna gratidão, em especial ao celebrante o ill.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> Martinho A. P. da Silva.

Ao exc.<sup>mo</sup> Provedor da Misericordia e a todos que concorreram para tão luzidos cultos, os nossos cordeaes agradecimentos. E se testemunhos de tão acrisolado affecto não podem ficar sem as bençãos de Deus e a admiração dos homens, ali está um que nós admiramos no fervor da nossa homenagem: é a Missa e Responso funebres, que n'esse mesmo dia, na igreja do Populo, a exc.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina dos Anjos Nogueira d'Azevedo, esposa do nosso specialissimo amigo o sr. Francisco Marques Soares d'Azevedo, mandou celebrar pela alma do Senhor Dom Miguel I, e á qual assistiu bem como as pessoas de sua relação e amizade.

A Mocidade, pois, deu mais uma vez testemunho de suas crenças, prestando tributo de saudade ás virtudes heroicas do Augusto Monarcha e acompanhando nos

sentimentos de dor a familia exilada que é o simbolo de suas esperanças, o penhor de suas promessas, o motivo e fundamento de tanta coragem e firmeza.

Continuam as espoliações em Roma.—Eis aqui uma lista, que a Liberdade nos deu em seu n.º de 8 de Novembro, dos conventos que vão ser tomados em nome da liquidação: 1.º Barnabitas de S. Carlos, em Catinasi—Delegado, o cavalheiro Adriano Bossi—Conselheiro communal, o Marquez Anjo Gavotti.

2.º Camaldulos em S. Romualdo—Delegado o doutor Francisco Guidi—Conselheiro, José Pacaterra.

3.º Agostinhos de Santa Martha—Delegado, o doutor Alexandre Venuti—Conselheiro, o professor Eugenio Agneni.

4.º Agostinhos de Santa Ursula—Delegado o doutor Egidio Serafini—Conselheiro o Marquez Alexandre Carcano.

5.º Benedictinos de Santa Cecilia in Trastevere—Delegado, o doutor Pedro Faticchi—Conselheiro, o commendador Vincenzo Titoni.

Eis aqui as victimas e os algozes; a historia saberá quem não respeitou a propriedade, em nome da liberdade, nem a consciencia em nome da legalidade!

Mensagem.—Eis a mensagem dirigida pelo actual presidente da republica franceza á Assembleia:

«Senhores:—No momento em que se vai abrir a discussão sobre a prorrogação dos meus poderes, creio ser do meu dever indicar as garantias sem as quaes seria imprudente, segundo me parece, aceitar a espinhosa tarefa de governar um grande paiz.

«Os ministros, em conformidade com os usos do regimen parlamentar, explicarão os actos do governo perante a Assembleia, que é o seu juiz soberano; mas agora que a minha auctoridade está posta á discussão e está sendo medida a minha responsabilidade, não deve estranhar-se que eu faça conhecer a mim mesmo o meu pensamento.

«A França, que deseja um governo de estabilidade e força, não comprehenderá uma solução que dêse ao Presidente da Republica um poder cuja duração e caracter fosse submettido desde o principio ás reservas e condições suspensivas; reenviar ás leis constitucionaes, quer seja o ponto de partida da prorrogação, quer sejam os effeitos definitivos do voto da Assembleia, isto seria dizer antecipadamente que em qualquer dia se entrará em questão o que será decidido hoje.

«Eu devo desejar mais que ninguem que as leis constitucionaes necessárias para determinar as condições do exercicio dos poderes publicos sejam discutidas proximamente, e a Assembleia querera certamente executar sem demora a resolução que já tomou sobre este ponto; mas subordinar a proposição, que se discute, ao voto das leis constitucionaes, não seria tornar incerto o poder, que quereis crear, e diminuir a sua auctoridade? Se eu consultasse só os meus desejos não fallaria da duração dos meus poderes, mas eu cedo ao desejo que um grande numero de membros da Assembleia manifestaram de conhecer a minha opinião a este respeito.

Compreendendo a ideia d'aquelles que para favorecerem o bom exito dos grandes negocios propozeram fixar a prorrogação por dez annos: mas depois de ter reflectido maduramente n'isso, julguei que o prazo de sete annos corresponderia satisficentemente ás exigencias do interesse geral, e estaria mais em relação com as forças que eu possa ainda consagrar ao paiz.

«Se a Assembleia pensa que, na posição em que me collocou, posso ainda prestar alguns serviços, declaro que usarei dos poderes que me forem confiados para a defesa das ideias conservadoras; porque estou convencido de que a maioria da França é afeccionada a estes principios com firmeza igual á da maioria da representação nacional.

O presidente da republica,

O marechal, Mac-Mahon, duque de Magenta.

Scena horrivel.—Lê-se no «Diario de Noticias», de Lisboa:

Proximo da barra do sul succedeu na noite anterior, (22) cêca das 11 horas, uma scena horrivel em que foram actores esses pobres homens, que affrontam quotidianamente o mar para proverem á sua parca subsistencia, e á de suas familias. Junto da torre do Bagio, no sitio chamado da Estrella, deu de encontro a um baixo um bote de pescadores pertencente ao sr. Julio, do Seixal. Bando por tres enormes resacas submergiu-se e com elle 9 pessoas que desappareceram envoltidas n'aquella vasta mortalha. Um dos tripulantes, Manoel Cançõ, o unico que sobreviveu, agarrado a um remo, disputou a vida á furia das ondas encapelladas e foi salvo pelo arraes Manoel Jurado, do bote do sr. Wenceslau da Ruiva, que o encontrou quasi a render-se ao poderoso elemento. Dos

que morreram 4 eram solteiros e 5 casados.

Não fez aquelle naufragio 9 victimas somente: ha outras bem dignas de compaixão que choram afflictas a desgraça que as feriu e que ficaram immersas na mais horrivel miseria; são as viuvvas e os orfãos que os desgraçados pescadores deixaram. Quando se soube d'esta catastrophe no Seixal eram 10 horas da manhã. E' indescritivel o terror e consternação que semelhante noticia produziu na povoação.

Consoreio.—Casou em Biarritz a duquesa de Mequenda, filha mais velha da infanta D. Thereza de Bourbon, com o sr. Urritès, irmão do Marquez de Ayebe. A noiva descende dos Bourbons de Hispanha por parte de seu avô, que era irmão do rei Fernando VII, e dos Bourbons de Nápoles por sua avó materna a infanta Carlota, irmã da duquesa de Berry. A duquesa de Sesa é portanto prima coirmã do conde de Chambord. O noivo é de uma das familias mais nobres da antiga corôa de Aragão.

Offerta valiosa.—Ha dias foi entregue ao juiz da meza da irmandade de N. Senhora das Dôres, d'esta cidade, a quantia de 100,000 reis, que o ill.ºº sr. Fulgencio José da Costa Guimarães offereceu com applicação especial para certos reparos do respectivo templo.

E' um raro exemplo de devoção pela immaculada Virgem que ali se venera, digno de ser imitado por quantos se interessam pelo progresso do culto divino, e por bem da religião.

Noticias de França.

O jornal francez a União publica o seguinte

Tenho a honra de lhe pedir o favor de publicar na União a carta que escrevo a algumas das pessoas que me enviaram directamente um grande numero de cartas cheias de assignaturas pedindo aos deputados realistas que promovam a restauração da Realza.

Sirva-se, sr. redactor, aceitar a expressão da minha mais distincta consideração.—Marquez de Frandlieu.

Eis a carta:—Sr. Recebi as cartas que me dirigiram. O grande numero de assignaturas que trazem e a auctoridade dos seus nomes são uma grande força que vem auxiliar os seus collegas, que repellem energeticamente qualquer governo de facto, a prazo fixo, quer este prazo esteja mais ou menos proximo.

Comprehendestes que um tal expediente não remediava de modo algum o mal e desappareceria logo, servindo só para occultar aos olhos da França a necessidade imperiosa de restabelecer quanto antes a Realza.

Effectivamente estamos diante de grandes perigos que a habilidade humana não poderá evitar. Por um lado a onda revolucionaria cresce com tal rapidez, que amanhã a demogogia poderá entrar na posse legal da nossa desgraçada patria. Por outro lado os primeiros clarões do incendio que não deixaria de apparecer, poriam contra nós toda a Europa assustada pelo seu futuro, prompta e decidida d'esta vez a aniquilar-nos.

Seríamos por tanto os auxiliares dos que nos vão perder, se mostrassemos abandonar, por um instante que fosse, esta Realza providencial, cujo poder fica intacto. A palavra pertence á França, disse o Rei; desejaria a França morrer?

Acceptae, sr., a expressão da minha mais distincta consideração.

Versailles, 11 de novembro.—Marquez de Frandlieu.

—O parecer da comissão dos 13, lido na assembleia, diz o seguinte:

- 1.º Os poderes de Mac-Mahon são prorrogados por cinco annos, a contar da reunião da proxima legislatura.
2.º Os poderes serão exercidos nas actuaes condições até á votação das leis constitucionaes.
3.º O artigo 1.º será incluído nas leis organicas e tomará então, e não antes, caracter constitucional.
4.º Tres dias depois da promulgação d'esta lei nomear-se-ha uma comissão de 30 membros para o exame das leis constitucionaes.

A comissão esteve accordo em manter o titulo de presidente da republica; as divergencias produziram-se ao tratar de fixar o caracter e duração dos poderes. Sete membros opinaram pela prorrogação immediata dos poderes ao chefe do estado, deixando para mais tarde o cuidado de fixar as suas attribuições aos limites. Os oito restantes opinaram porque o prorogamento não se podesse conceder sem se relacionar com a organisação das leis constituintes. A comissão poz fóra e acima da discussão, por unanimidade, a respeitavel personalidade de Mac Mahon.

Os amigos de mr. Thiers annunciam que este apoiara energeticamente a proposta de applicação para o povo, que o grupo bonapartista hade apresentar.

Lê-se na «União»:—Os circulos realistas de Marselha dirigiram pelos seus delegados, a seguinte carta ao sr. duque Audiffret-Pasquier.

Sr. duque d'Audiffret-Pasquier, deputado da Assembleia nacional.

Os acontecimentos que preparam os projectos apresentados na tribuna da Assembleia nacional por todos os grupos politicos que teem a honra de representar o paiz e são depositarios da soberania, dão-nos a liberdade, sr. duque, de nos dirigir a vós, e dizer vos o que esperamos da união da casa de França, e quanto tememos a prorrogação do estado provisorio que desejam estabelecer.

A união da casa de França, para nós legitimistas, appareceu-nos como o termo das divisões do grande partido monarchico, que está em maioria no paiz, obrigando-nos a confundir no mesmo sentimento de amor e dedicação o Rei e todos os principes da sua casa, e a não distinguir os legitimistas da primeira hora dos da segunda.

Não nos enganamos; estamos seguros e temos a certeza de que será este o preço da salvação do nosso paiz.

Contudo, questões secundarias, mais que questões primarias, por occasião da carta do Rei, vieram dividir as fileiras dos nossos briosos deputados, enquanto na provincia a carta fomentava a união de todos os realistas e inspirava o respeito dos mais ardentes adeptos d'uma democracia impossivel.

Debaixo d'esta impressão da maioria da Assembleia, sr. duque, a prorrogação dos poderes, seguida da suspensão das liberdades publicas, apresentou-se como um porto de salvação. Sel-o-ha devêras? Muito respeitosa e, sr. duque, vos diremos que não o acreditamos.

Não o acreditamos, porque a massa popular que se não occupa das funções publicas, comprehenderá como nós, que não é possivel admitir que a prorrogação por dez annos e a suspensão das liberdades publicas por um tempo indefinido seja uma solução util, quando a situação que daria a estabilidade se apresentaria com as liberdades necessárias, garantidas pela palavra de um Principe universalmente respeitado, applicadas por homens experientes como vós, sr. duque, que seriam já uma garantia se a França não tivesse a do Rei e de todos os Principes da sua casa.

Porque é então que a prorrogação que de tudo livra e nada garante, se não é a aproximação, mas d'esta vez legal, da republica, para os milhares de grupos republicanos, republica que passará de conservadora á do petroleo, sem permittir, acredita, á que poderia ser realisavel, encontrar um ponto de estabilidade entre estes dous termos?

Eis a razão, sr. duque, porque somos pela monarchia, e sem querermos dar conselho que não temos o direito de dar, permittir-nos que esperemos que empregareis a vossa legitima influencia para fomentar a reconciliação necessaria ás fileiras dos realistas, quando os principes nos deram esse exemplo pela união hoje indissolvel da casa de França.

Viva o Rei! Viva e conde de Paris! Vivam os Principes!

Temos a honra de ser com o mais profundo respeito.

Vossos humildes e obdientissimos servos.

Os membros delegados por todos os circulos realistas de Marselha e arredores.

F. Durando.—Aime Tronchet.—B. Caune.—Th. Michel.—Barão de Bonrecueil.—A. Seignon.—P. Samat.—Seris.—H. de Lumley.—Wondyard.—Jouve.—Cristol.—H. Rambert.—J. Deluy.—P. Martin.—Steph de Lumley.—H. Arribert.—F. de Belleme.

EXPEDIENTE

O escriptorio d'administração d'este jornal é na typographia Luzitana n.º 3, rua Nova, para onde devem ser remettidas as assignaturas e seus pagamentos.

Tudo o que diz respeito á redacção deve ser remettido para casa do redactor — rua de D. Pedro V n.º 13.

O correspondente do Futuro em Guimarães, é o proprietario da Livraria Internacional o Ill.ºº Sr. José Antonio Teixeira de Freitas, a quem deve ser saísfeito o importe das assignaturas d'aquella localidade, e de mais assignantes a quem convier.

ANNUNCIOS

SAÚDE A TODOS por meio da deliciosa farinha salutar a Revalesciere do Barry de Londres. (Vendida actualmente tostada, não necessita mais que um ou dois minutos de cozimento.)

O problema de se curar sem medicamento foi perfectamente resolvido pela importante descoberta dos snrs. Barry, da Revalesciere do Barry, que economiza cincoenta vezes o seu preço em outros remedios.

Eis um pequeno extracto de 75.000 curas perfectas:
27, rua Courcelles.—Paris, 25 de Julho de 1836.—Senhor:—Tenho o miaor

prazer em confirmar que a Revalesciere arabica é um remedio efficaz, simples e nunca perigoso para os estremeccimentos, por inveterados que sejam, e para as diarrhéas, uma vez que tem a excellente propriedade de regularisar as funções intestinaes. Além d'isso, nas febres hécticas, e especialmente depois do sarampo, conseguiu com o seu uso um exito verdadeiramente satisfatorio dizer que a Revalesciere é um poderoso elemento para combater todas as enfermidades em que as digestões são regulares.

Dr. Stein; das faculdades de Leyde, e da de Moscou.

Temos tambem eguaes certificados dos celebres doutores em medicina Ure, Harvey, Shorlande, A. Campbell, de Londres; Chilton, de Nova York; Angelstein, de Berlim; Wurzer, de Bonn, como muitos outros certificados de curas de todas as classes da sociedade, e de corporações religiosas de todos os pontos do globo.

BARRY DU BARRY & C.ª, praça Vendôme, 26, Paris.—Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. reis 15400; 2 1/2 kil. 35200 reis; 6 kil. reis 65400; 12 kil. 125000 reis.

Depositos:—Braga, Pharmacia Maya, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, pharm.—Aveiro, Luz e Costa, pharm.—Coimbra, S. Carvalho e Castro, Magalhães Ferrar, pharm., V. Botelho de Vasconcellos.—Figueira, Vieira.—Guimarães, Pereira Martins, pharm.—Lamego, Barros, pharm.—Lisboa, Barral Irmão, rua Aurea 128, pharm., Carlos Barreto, pharm., rua do Loreto, 28.—Porto, deposito central para fornecimento dos depositarios, casa de Ferreira & Irmão, pharm., 77 rua da Bahararia, Viuva Desiré Rahir, rua de Cedofeita 92, J. R. de Sequeira, rua da Bahararia 65 (casa Vermelha), Henrique José Pinto, largo dos Loyos 36.—Vianna do Castello, Afonso, droguista.—Villa Real Julio da Silva, droguista.—Vizeu, Santos Paes, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres.—Povoa do Varzim, P. Machado d'Oliveira.

«Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Snrs. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.» Deposito em Pernambuco: Ferreira, Maia & C.ª, rua Duque de Caxias. (F)

DECLARAÇÃO

Manoel José de Faria Junior, proprietario do café Bracarense estabelecido debaixo da arcada do campo de Sant'Anna d'esta cidade, previne expressamente ao publico e todos os seus correspondentes que o seu nome é o que acima se acha indicado, e por isso que lhe consta que n'esta terra ha mais que um individuo que se chama Manoel José de Faria, declara solemnemente por meio d'este annuncio que protesta contra todo e qualquer abuso que se dê proveniente de haver em Braga nomes eguaes para clareza do que se assigna com o nome que usa em todos os seus contractos.

Braga 15 de Setembro de 1873.
(f-145) Manoel José de Faria Junior.

NOVA RELOJOARIA

Abriu-se na rua das Agoas n.º 92 A, onde se vendem e concertam relógios por preços modicos. Garante-se a perfeição do trabalho. (d-140)

MACHINAS DE COSTURA

Na rua das Agoas n.º 92 A, ha uma pessoa competentemente habilitada para dar lições de machina e concertal-as. Preços modicos. (d-141)

FOLHINHAS BENEDICTINAS

Acham-se á venda, para o anno de 1874, no escriptorio d'esta typographia, rua Nova n.º 3, no Porto na casa costumada. Preço 240.

AGENCIA EM MACAU

Caldeira & C.ª

Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbese de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de referencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China.

Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 95, e no Porto, rua da Fabrica, 27 a 31.

LIVRARIA

DE EUGENIO CHARDRON

Chateaubriand—Os Martyres, 2 vol. 15400
—Genio do Christianismo, 2 vol. 15500
Cardinal Wisemann—Fabiola ou a Igreja das Catacumbas, romance religioso, 2 vol. 15500
Roquette—Sermões em honra de N. Senhora, 1 vol. 45200

Roquette—Homelias e Sermões . . . 15800
Guillois—Explicação litteral e moral das Epistolas e evangelhos, 2 vol. 15500
Veillot—Vida de Jesus Christo 1. vol. . . . . 400

LECCIONAMENTO DO CURSO completo de desenho, em Braga.

A quem convier pôde dirigir-se ao largo da Senhora A Branca n.º 27, até ao dia 30 do corrente, afim de se proceder á respectiva matricula.

VIDA DO NOVO BISPO D'ANGRA POR

Carlos José Caldeira.

Folheto de 120 pag., com o retrato em gravura do mesmo bispo, nitidamente impresso na typographia de Castro Irmão.

Contém 12 capitulos com os seguintes titulos: Sua infancia—Estudante em Sernache do Bomjardim—Administando os negocios publicos na terra do seu nascimento—Estudante na Universidade—Secretario do bispo de Bragança—Deão e vigario geral em Leiria—Superior do collegio das Missões—Estado do collegio das Missões, e elogios officiaes ao seu superior—Crise no collegio das Missões Ultramarinas—Bispo eleito e confirmado de Macau—Sagração do bispo d'Angra—Caracter do bispo d'Angra.

Tem um aditamento dividido em 4 capitulos com as rubricas: Analyse do relatorio que procede o decreto de 21 de setembro de 1870 (que reorganizou o esminario de Macau)—Analyse do mesmo decreto—Efeitos do novo regulamento do Seminario de Macau—O padroado portuguez na China.

Vende-se em Lisboa nas livrarias Lavado, rua Augusta; Rodrigues, rua do Ouro; Catholica, rua dos capelistas; Mesquita, em Coimbra; Catholica no Porto, e nas principaes de Braga, Bragança, Leiria e Guimarães.

A MAÇONARIA DESMASCARADA

OU COLLEÇÃO D'ALGUNS ARTIGOS DO

ECCO DE ROMA.

Esta interessante obra, a melhor que se tem publicado para conhecer os fins da maçonaria e os males que ella tem causado á sociedade, é um volume de 280 a 300 paginas, e acha-se á venda nas principaes livrarias de Lisboa e Porto e nas principaes livrarias do reino e Brazil. Em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39, e em Guimarães na Internacional, Editora, a S. Damazo n.º 89 e 91. Preço edição superior. . . . . 500 Inferior . . . . . 300

O MILAGRE

A CRITICA MODERNA

OU A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE LOURDES

Opusculo offerecido á Associação Catholica Portuense PELO P.º José Joaquim S. Freitas.

O producto da venda d'este opusculo foi applicado e offerecido por seu auctor para as despesas do Monumento da Immaculada Conceição, que se está construindo no monte Sameiro, subúrbio de Braga.

Vende-se em Braga em casa do sr. D. J. Vieira Machado, Praça Municipal (Campo dos Touros), n.º 17, a quem se podem fazer as requisições que os pertendentes quizerem; os srs. livreiros que desejarem porção, com dinheiro á vista, terão abatimento de 15 por cento.

Nas livrarias Catholicas de Braga, Lisboa e Porto, e nas principaes terras do reino. Preço em broxura . . . . 100 » com estampa da gruta. 160

A EGREJA CATHOLICA ROMANA

OU OS SEUS PERSEGUIDORES

Crises principaes por que ha passado a Igreja—seus triumphos—castigos dos seus inimigos, POR

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR

Vende-se em Lisboa, na Livraria Catholica, J. A. Rodrigues, Martins Lavado, Zeferino, Campos Junior, Antonio Maria Pereira e outros.—Em Coimbra, na de José Mesquita, Manoel Cabral, e outros.—Em Braga, Livraria Catholica.—Villa Real, Antonio Custodio da Silva.—Guimarães, J. A. Freitas Guimarães.—Lamego, F. Marques da Rocha—Vizeu, F. Ferreira dos Santos, e José Miza d'Almeida.—Ilha de S. Miguel, Mariano Machado, Preço . . . . . 500 reis.